

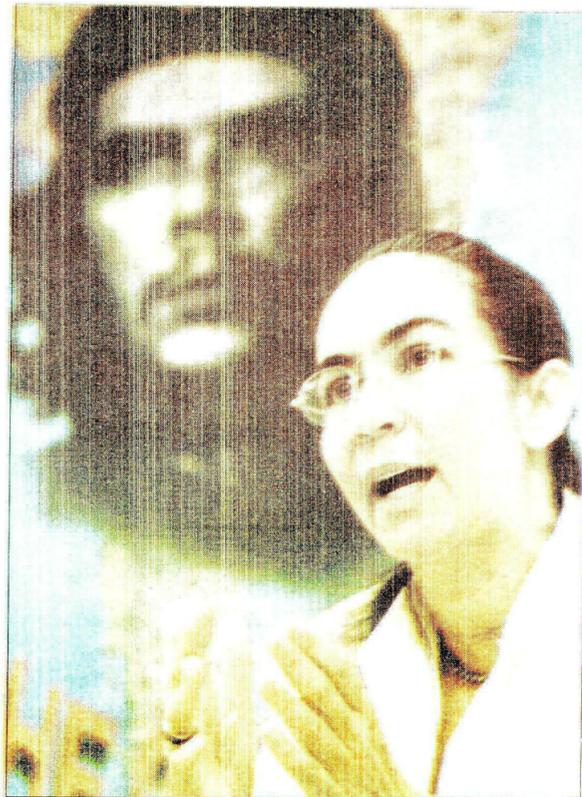
Como a sra. avalia o relatório do senador Saturnino Braga sobre o episódio da violação do painel do Senado, no qual a sra. acabou de alguma forma envolvida?

Envolvida, não. Citada de forma covarde, mentirosa por uma personalidade política em que infelizmente minha dignidade foi colocada no mesmo patamar da palavra e da vida dessa personalidade, responsável por essa estrutura de corrupção do país. Do topo da mais alta montanha da fúria ao fundo do poço da tristeza. Fico triste com injustiça. Agora encontrei o equilíbrio, que para mim é o bom, o pode vir quente que estou fervendo. Onde gosto de estar. Em relação ao relatório, como membro do Conselho de Ética, o Código de Ética impõe sigilo sob pena até de afastamento no sentido de juízo de valor ao seu voto. Claro que como está ser do discutido nessa etapa é a conclusão de um procedimento investigatório, não é ainda o início do processo de cassação, o parecer conclui um procedimento que irá à mesa. Caso ela acate, retorna ao Conselho de Ética para se tomar a medida cabível. Entendo que as infrações cometidas ao Código de Ética e Decoro Parlamentar e a Constituição. Além de terem violado princípio constitucional não entro nesse debate. Enquanto não muda o voto secreto não poder permitir que duas personalidades políticas que, em razão da impunidade no país se acham acima das pessoas e da legislação em vigor, pudesse ter feito o que fizeram. Fraudar um programa para violar sigilo do voto. Análise esse processo à luz do meu conhecimento obrigatório em relação ao código como em relação à constituição.

A sra. não leva em conta o desgaste pessoal que sofreu neste processo?

Em nenhum momento estou movida pelo rancor, pela raiva pessoal. Até porque se me movesse assim, em função da agressão gigantesca que sofrí, eu me sentiria tão desprezível quanto eles, que usaram do poder momentâneo que tinham para difamar as pessoas ou para qualquer outro procedimento que quisessem fazer. Como chantagens e outras coisas que ocorreram pelos corruptores. A Constituição é muito

## ENTREVISTA HELOÍSA HELENA



### “Não sou prepotente ao ponto de dizer que isso (o erro do voto) não poderia acontecer”

EVANDRO ÉBOLI  
REPÓRTER

**A** senadora Heloísa Helena (PT-AL) segurou com todas as forças a vontade de ir às vias de fato com o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), no episódio da violação do painel do Senado. ACM foi salvo pela Flórida, onde estava passando, quando se soube em Brasília que ele teria dito a procuradores da República ter tido acesso à lista de votação da cassação de Luiz Estevão e que a senadora alagoana teria votado pela preservação do mandato do ex-senador do Distrito Federal.

Aos 36 anos, casada, dois filhos, enfermeira e professora universitária licenciada da cadeira de epidemiologia, Heloísa Helena nasceu numa cidade chamada Pão de Açúcar, no sertão de Alagoas. Teve uma carreira política

fulminante. Atuou no movimento estudantil e se iniciou na vida pública em 92, se elegendo vice-prefeita de Maceió. Em 94, foi eleita deputada estadual. Participou ativamente da destituição do governador Divaldo Suruagy. Chegou ao Senado em 98, como a primeira senadora de Alagoas e do PT.

Heloísa Helena falou sobre o caso do painel e admitiu que errar o voto não é impossível. Não que admita que isso lhe tenha ocorrido no caso de Luiz Estevão. Para a senadora, sua intolância e agressividade, que reconhece, é a forma para ser compreendida, ouvida e entendida pelo universo masculino. “Por isso tem que gritar, meter o dedo no nariz mesmo”. O vigor com que exerce seu mandato já gerou a consequência de disputar em 2002 o governo de Alagoas, um estado que não tem sequer uma prefeitura administrada pelo PT. Uma parada

clara quando trata dos abusos de uma autoridade como um senador. Suas prerrogativas são conhecidas. Por isso, houve falta de decoro. Abusaram dessas prerrogativas que lhes são asseguradas. Exacerbaram na função legislativa, além de outras questões que estão tipificadas no Código Penal, como prevaricação, condescendência criminosa. Essas questões nem estamos analisando, o que deverá ser feito pela Justiça. Nossa análise é política.

A sra. é a favor do voto aberto em todas as etapas desse processo?

Na época do processo contra Luiz Estevão, apresentei requerimento para que o voto fosse aberto. No plenário o voto é constitucionalmente secreto. Mas para essa fase, regimentalmente o voto não precisa ser secreto, porque não está instalado ainda o processo de cassação. Mas acho que deve ser aberto sempre.

A sra. fala que a sua imagem política foi maculada pela citação da sra. nessa confusão toda. Como ficou o dia-a-dia da sra.?

Ficou absolutamente normal. Nem os meus mais ferozes adversários de Alagoas me atacaram, porque me conhecem profundamente. Sabem da minha predisposição genética por odiar os que saqueiam os cofres públicos. Não exploraram isso. Poderiam ter feito. Afinal, representam a elite econômica, têm meios de comunicação nas mãos. Aprendi que não quero agradar todo mundo ao mesmo tempo. Se fizer isso, sou uma geléia que se acomoda. Não vim para esse mundo nem para a política para agradar todo mundo. Fiquei indignada e triste com essa patifaria. Compatível com o comportamento de vadios em mesa de bar. Mesmo assim, não foi significativo para mexer na minha vida. Meus dois filhos, adolescentes, estudam aqui em Brasília, encararam tudo com normalidade, não deixaram de ir à aula. Não comentaram. Sabem exatamente a mãe que têm. Muitas pessoas enviando mensagens de apoio. Pessoas que sabem que sou intolante e truculenta. Digo que sou uma sobrevivente, que já passou por gigantescas adversidades que em algum momento até poderiam esgotar minha capacidade

de reação. Aprendi com a vida. Esse episódio aqui do Senado não seria suficiente para me fazer ajoelhar covardemente perante alguma personalidade.

A sra. considera fundamental que a lista apareça? Faz questão para dirimir dúvidas?

Não. Por que eu preciso provar e o senador Antônio Carlos não? Por que a palavra dele vale mais que a minha? Se a lista aparecer poderá ter três destinos: 1) alguns que só pensam na lista, para os quais virou até problema sexual porque só pensam nisso, podem colocar uma moldura bonita, num quadro e admirar todo dia e substituir por algum divã; 2) outros, mais ecológicos, mais politicamente corretos, podem amassar e mandar para ser reciclado como lixo; 3) e outros, mais intolerantes, poderão cuspir, amassar e jogar em algum lugar cuja imundície seja compatível com o fato que ela gerou. O que será o meu caso. Tenho consciência do voto que dei. Mais que isso. Tenho consciência do trabalho que fiz, da representação que ajudei a construir para cassar. Agora, quem quiser continuar acreditando na palavra do senador ACM ou em qualquer papel que saia da mão dele é um direito que tem. Posso querer vê-los (ACM e Arruda) como churrasco queimando nas chamas do inferno, entretanto minha questão é julgá-los à luz dos olhos do processo, em respeito à ordem jurídica vigente até para não me tornar um ser absolutamente desprezível como eles, capazes de fazerem qualquer coisa para perpetuarem como parasitas na estrutura política desse país.

A sra. acha que o senador José Eduardo Dutra deveria ter dito sobre os comentários que a sra. teria votado pela não cassação de Luiz Estevão?

Não. O Dutra é um companheiro por quem tenho o maior respeito. Ele tratou como um boato. Ele conheceu meu temperamento. Mas depois que a coisa se tornou pública, extrapolou os corretores, ele agiu corretamente.

A sra. descarta completamente a possibilidade de fraude no voto da sra. ou mesmo de ter se enganado na hora de votar na cassação de Estevão?

Tudo é possível. Só não



aceitei fazer o debate sobre a possibilidade de ter errado o voto - algo que pode acontecer em qualquer lugar, aconteceu aqui com o Kandir (deputado Antônio Kandir, que errou e votou contra o governo). Eu não aceitei nem discutir a questão de ter errado o voto nem a possibilidade da fraude. As duas coisas podem acontecer. Quem leu o relatório da Unicamp, se assusta com todas essas possibilidades, de fraudar, de mudar o voto, a senha. Entretanto, tudo seria possível. A fraude ou o erro do voto, que são coisas possíveis de acontecer. Para mim, a gravidade é que uma pessoa, com a história de vida como esse sena-

dor (ACM) pudesse ter mais peso, sem materialidade, sem papel, poder dizer alguma coisa. Era possível tanto fraudar como a possibilidade de erro pode existir. Não posso ser prepotente que não pode isso acontecer. Entretanto não aceito discutir essas alternativas em função da falta de materialidade. Por que é um homem poderoso, com tentáculos e raízes, com amizades nos meios de comunicação. Atestaram como verdade absoluta o que ACM diz.

A sra. se surpreendeu com o envolvimento do senador José Roberto Arruda numa história dessa natureza?

Não me surpreendo com a elite econômica e política do nosso país. Passei a vida enfrentando essa elite carcomida, cínica, incapaz de se sensibilizar com milhões de pessoas submetidas à fome. Foram capazes de fazer uma nação gigantesca e produtiva, até para atenuar as tensões sociais, mas para que continuassem parasitando as estruturas públicas. Nada que vem dessa elite me surpreende.

A sra. vem de Alagoas, cumpre seu primeiro mandato federal. O seu estado de origem gerou Fernando Collor, Paulo César Farias. A sra. tem a

preocupação de recuperar a imagem de Alagoas?

A imagem de Alagoas é vinculada à corrupção e ao crime organizado. Foi fortalecida ainda mais pelo surgimento dessas personalidades públicas. Ainda que saibamos que corrupção e crime organizado não seja algo exclusivo de Alagoas. Mas o estado é maravilhoso, com homens de bem e de paz. Não à toa que permitiram que eu, uma mulher do povo, sem família tradicional, ocupasse um espaço político ocupado apenas por aqueles que frequentavam ou a cozinha dos pistoleiros ou a varanda dos usineiros, e me botaram aqui. Uma mulher que sempre brigou contra a estrutura do poder político e econômico.

Tentou se estabelecer cotas de mulheres dentro dos partidos, com intuito envolver mulheres na política. A sra. ainda considera pequena essa participação?

Trabalho para que haja maior participação das mulheres nas instâncias de decisões políticas. Claro que não voto em mulher porque tem uma estrutura anatomo-fisiológica parecida com a minha simplesmente. Voto em mulheres que possam contribuir para criar um mundo diferente desse mundo masculino. Até imagino que essa confusão do Senado envolvendo meu nome, se fosse um homem no meu lugar, já tinha rolado algum murro. E se isso acontecesse a sociedade entenderia como algo normal. Se eu tivesse feito o que tive vontade de fazer - a sorte foi que não encontrei o senador ACM nas duas primeiras semanas, porque ele estava na Flórida passando - se eu tivesse feito isso (lhe dado um soco), seria chamada de mulher histerica. Até em função disso que não fiz, para preservar a imagem das mulheres no Brasil. Por isso que, em alguns momentos, uso palavras agressivas, fortes, em nação e a outros. Porque, às vezes, para a gente ser compreendida, ouvida, e entendida, a gente tem que usar a metodologia do mundo masculino. Por isso tem que gritar, meter o dedo no nariz, ser agressiva para entenderem que não estão lidando com ninguém subserviente. Costumo dizer que fui educada, mas não domesticada.